

## Entre falares de fronteira do Paraná: preconceito ou aceitação?

(Among speeches of border communities in Paraná: prejudice or acceptance?)

Any Lamb Fenner<sup>1</sup>, Clarice Cristina Corbari<sup>2</sup>

<sup>1,2</sup> Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste)

anylamb@gmail.com, ccorbari@yahoo.com.br

**Abstract:** This paper describes language-related attitudes of speakers from Guaíra and Capanema, located, respectively, in the West and Southwest regions of Paraná. These localities constitute multilingual and multicultural contexts, either because of the colonization by descendants of immigrants from different ethnic groups or because of the contact with the inhabitants of neighboring countries – Paraguay and Argentina. Such contexts enable the analysis of phenomena that mark positions revealing similarities and differences between both communities, given the socio-historical peculiarities of each locality. The analysis is linked to the studies in Sociolinguistics, Sociology of Language, and Social Psychology. The results show that identity issues are often reflected in the evaluation of the speakers in relation to ethnic groups with which they come in contact, mediated by language.

**Keywords:** language attitudes; language prejudice; border communities.

**Resumo:** Este artigo descreve atitudes linguísticas de falantes de Guaíra e Capanema, localizadas, respectivamente, nas regiões Oeste e Sudoeste do Paraná. Essas localidades constituem contextos multilíngues e multiculturais, seja em virtude da colonização por descendentes de imigrantes de diversas etnias, seja em virtude do contato com os habitantes dos países vizinhos – Paraguai e Argentina. Tais contextos possibilitam a análise de fenômenos demarcadores de posicionamentos que revelam semelhanças e diferenças entre as duas comunidades, dadas as peculiaridades sócio-históricas de cada localidade. A análise vincula-se aos estudos da sociolinguística, sociologia da linguagem e psicologia social. Os resultados indicam que questões identitárias frequentemente se refletem na avaliação dos falantes em relação aos grupos étnicos com os quais entram em contato, mediado pela língua.

**Palavras-chave:** atitudes linguísticas; preconceito linguístico; comunidades fronteiriças.

### Introdução

Este estudo se baseia em parte dos *corpora* do Projeto *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato* (AGUILERA, 2009), que coletou dados em oito localidades paranaenses, caracterizadas como contextos de fronteira e/ou imigração. De caráter interinstitucional, o projeto, apoiado pela Fundação Araucária, foi coordenado pela professora Vanderci de Andrade Aguilera, da Universidade Estadual de Londrina (UEL), com a colaboração da professora Aparecida Feola Sella, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste) e em parceria com pesquisadores da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Universidade Estadual de Maringá (UEM) e Universidade Estadual do Centro Oeste (Unicentro). O banco de dados disponibilizado pelo projeto já vem sendo investigado por alunos de pós-graduação de várias instituições de ensino superior do Paraná, grande parte deles sob orientação de Aguilera e de Sella, incluindo artigos publicados, dissertações concluídas e teses em andamento.

O instrumento de coleta de dados, elaborado com base em Bergamaschi (2006), constituiu-se de um questionário para entrevistas adaptado à realidade sociolinguística e cultural de cada comunidade de fala investigada, com perguntas específicas para avaliar crenças, atribuições e posicionamentos em relação às línguas em contato e ao português de cada localidade. As entrevistas foram realizadas com dezoito informantes, selecionados a partir da combinação das seguintes variáveis extralinguísticas: i. faixa etária (18 a 30 anos, 31 a 50 anos e 51 a 70 anos); ii. nível de escolaridade (Fundamental, Médio e Superior); e iii. sexo (feminino e masculino).

Neste trabalho, apresentam-se alguns resultados de pesquisa descritiva sobre atitudes linguísticas de falantes de duas localidades fronteiriças a países hispanófonos: Guaira, situada no Oeste Paranaense, na divisa com o Paraguai; e Capanema, localizada no Sudoeste Paranaense, na fronteira com a Argentina. O histórico de povoamento, colonização e desenvolvimento dessas regiões, bem como as relações estabelecidas na fronteira com os dois países, promoveram o contato de diversos grupos étnicos, tornando essas regiões um mosaico de línguas e culturas que merece ser investigado.

A realidade multilinguística e multicultural dessas regiões constitui campo propício para manifestações tanto positivas (prestígio linguístico) quanto negativas (desprestígio linguístico) das práticas linguísticas que aí se estabelecem, o que justifica o estudo não apenas das línguas em contato – justificando, inclusive, uma revisão do mito de que o Brasil é um país monolíngue –, mas também das atitudes relacionadas a essas línguas e a seus usuários.

## **O contexto da pesquisa**

Toda a faixa de fronteira do estado do Paraná foi palco de diversas movimentações históricas, pautadas principalmente pelo modo de ocupação de suas terras. Inicialmente habitadas pelos indígenas, essas regiões foram, cada uma ao seu modo, recebendo contingentes populacionais de diversas origens que, entre ocupar e abandonar ou se estabelecer definitivamente, aos poucos, foram constituindo o mosaico étnico, linguístico e cultural que caracteriza hoje essas regiões.

Guaira está localizada no oeste paranaense, às margens do Rio Paraná, em região limítrofe entre os estados do Paraná e de Mato Grosso do Sul, ligando-se a este último por meio da ponte Ayrton Senna. No Paraná, limita-se com os municípios de Mercedes, Terra Roxa e Altônia. Faz divisa internacional com Salto del Guairá, capital do Departamento de Canindeyú, no Paraguai.

A proximidade de Guaira com Salto del Guairá não só intensificou relações sociais, comerciais e de trabalho – haja vista a cidade paraguaia ser um polo de compras – como também produziu uma situação favorável à manutenção de práticas linguísticas hibridizadas, peculiares de região fronteiriça, como descreve este informante:

- (01) É espanhol forçado pela necessidade, né, trabalhando. Trabalho há mais de trinta anos no Paraguai, então a gente fala, assim, esse espanhol que se pratica na fronteira aí, né, um dialeto da região. (Inf. 11 – Guaira)

O histórico de ocupação e colonização de Guaira não difere muito do registrado nas demais localidades do Oeste Paraná. A região já foi ocupada por espanhóis, que exploraram

todas as áreas a leste do Rio Paraná e constituíram a Província del Guayrá, fundando reduções jesuíticas no local. Com o abandono da região pelos espanhóis, forçado pelos ataques sucessivos dos bandeirantes, que destruíam os *pueblos* e escravizavam os índios catequizados, toda essa área permaneceu isolada por mais de dois séculos. Foi só por volta de 1889, com a criação da Colônia Militar de Foz do Iguaçu, que se iniciou a ocupação efetiva da região por brasileiros. A partir das últimas duas décadas do século XIX, as atividades econômicas às margens do Rio Paraná vinham passando por um processo de expansão com a exportação, inicialmente, de erva-mate, e, posteriormente, de madeira para os portos argentinos (WACHOWICZ, 1987; GREGORY, 2002).

No que tange especificamente a Guaíra, a presença da Companhia Mate Laranjeira S. A., no início do século XX, movimentou um contingente populacional de argentinos e, principalmente, paraguaios para o desenvolvimento de suas atividades. Nessa época, as línguas utilizadas pelos funcionários eram o castelhano e o guarani. Até mesmo o trabalho burocrático da empresa, como a contabilidade e a correspondência, era registrado em espanhol. Somente na década de 1930 a escrituração passou a ser em língua portuguesa. A moeda que circulava era o peso argentino, pois os funcionários estavam sempre transitando entre o Brasil e seus países de origem, de modo que ele se tornou a única moeda aceita em toda a região (MUNTOREANU, 1992).

A partir de 1948, houve uma aceleração do processo migratório ao Oeste Paranaense, resultando na rápida ocupação da região, principalmente por migrantes de origem alemã e italiana vindos de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. Essa ocupação se efetivou de diversas formas: por meio de empresas de colonização que, com o apoio do governo estadual, colocavam lotes à venda a preços acessíveis; pelo próprio governo, que estimulava a vinda de colonos para as terras públicas; por iniciativa própria de outros colonos que se deslocavam e ocupavam terras suposta ou efetivamente devolutas. Além disso, levas populacionais também chegavam de outras regiões do país, principalmente de São Paulo e Minas Gerais, promovendo uma revolução demográfica no início do século XX (WACHOWICZ, 1987; GREGORY, 2002).

Além de italianos e alemães – os grupos mais representativos no Oeste Paranaense – e de contingentes vindos de outras regiões do Brasil, Guaíra também recebeu imigrantes estrangeiros de outras origens, destacando-se as colônias portuguesa, paraguaia, japonesa e árabe. Atualmente, observa-se, na localidade, um esforço de preservação das culturas desses grupos, traduzido na realização anual da Festa das Nações. Os informantes desta pesquisa têm consciência da diversidade linguístico-cultural da localidade, como exemplifica a fala desta informante, relatando práticas linguísticas que se mantêm na língua de origem dos diferentes grupos:

- (02) Ah, eu creio que sim, como a colônia japonesa, por exemplo, eu... eles são... é... eles têm aquela coisa de origem ainda, aquela coisa do avô conversar com o filho, o filho passar pro neto. [...] Alguns grupos de alemães, mais os antigos, conversam entre eles, assim, mas a colônia japonesa, ela é muito mais forte. Aí tem o espanhol, os vizinho, né, do outro lado. Entre eles falam, até misturam o guarani com o espanhol [...]. Às vezes, quando vem uma freguesa aqui de origem alemã e vem a irmã, elas falam. Árabe também de um ano pra cá... (Inf. 14 – Guaíra)

Busse e Sella (2012) refletem a respeito do impacto da forma de colonização do Oeste Paranaense sobre as práticas linguísticas derivadas dos contatos entre grupos de diversas etnias:

Um olhar para os dados históricos já registrados sobre a colonização moderna do Oeste paranaense será suficiente para identificar o papel dos colonos sulistas, com seu também histórico anterior, notadamente vinculado ao processo de imigração do próprio país, o papel dos grupos do Norte e da região central do Paraná, das regiões Sudeste e Nordeste do Brasil. Assim, temos a formação de um contexto multicultural e multilíngue, no qual emergem peculiaridades na fala, como o registro de uma ou outra variante; e, em algumas situações, o predomínio de uma com relação a outra pode refletir as condições pelas quais as comunidades se organizam. (BUSSE; SELLA, 2012, p. 80)

A outra localidade focalizada neste estudo, Capanema, situa-se na região Sudoeste Paranaense, limitando-se com outros dois municípios da região (Realeza e Planalto). Também se limita, a norte, com o Oeste Paranaense, especificamente com os municípios de Serranópolis do Iguaçu, Matelândia e Céu Azul, separados de Capanema pelo Parque Nacional de Iguaçu. Historicamente, essas localidades eram ligadas pela Estrada do Colono, que atravessava o parque, mas, com o seu fechamento na década de 1980, Capanema acabou ficando isolada, já que a chegada de novos habitantes e de mercadorias ao Sudoeste era viabilizada por esse caminho. Esse fato afetou profundamente a situação socioeconômica de Capanema, levando cerca de metade sua população a evadir-se da localidade em busca de oportunidades de crescimento. Dados de Pastorelli (2011) indicam que os moradores se ressentem até hoje do fechamento dessa estrada.

Capanema também se limita com a localidade argentina de Comandante Andresito, na província de Misiones. A integração entre as duas localidades se faz por meio da Ponte Internacional Brasil-Argentina, sobre o rio Santo Antônio, construída pelo Governo do Paraná como forma de compensar a região pelos eventuais danos econômicos causados pelo fechamento da Estrada do Colono. Além de facilitar o acesso a produtos importados da Argentina, a passagem por Andresito encurta a viagem entre o Sudoeste Paranaense e Foz do Iguaçu<sup>1</sup>.

A história do Sudoeste Paranaense se assemelha bastante à do Oeste. Seus primeiros habitantes não índios foram os caboclos, que ocuparam a terra na condição de posseiros. Posteriormente, a região recebeu argentinos e paraguaios, que chegaram a compor 25% da população da fronteira no auge da exploração da erva-mate. Com a diminuição dessa atividade extrativa na região, os argentinos e paraguaios começaram a se evadir, chegando a menos de 1% da população regional na década de 1940. Nessa década e na seguinte, levas de descendentes de imigrantes, predominantemente de origens alemã e italiana, saíram de colônias prévias do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina e se instalaram na região, atraídos pela possibilidade de compra, a preços irrisórios, das terras possuídas pelos caboclos (WACHOWICZ, 1985).

Por ser uma região fértil e rica, o Sudoeste Paranaense foi disputado tanto pela Argentina e pelo Brasil quanto pelos estados do Paraná e Santa Catarina. Segundo Lazier (2003, p. 146), “essa desavença pela posse das terras envolveu também a Cia. De Estradas de Ferro São Paulo-Rio Grande, a CITLA, o Governo Federal, o Governo do Paraná e, principalmente, posseiros”. Acredita-se que o modo de ocupação das terras dessa região,

---

<sup>1</sup> Informações disponíveis nos seguintes sítios eletrônicos: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Ponte\\_Internacional\\_sobre\\_o\\_Rio\\_Santo\\_Ant%C3%B4nio](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ponte_Internacional_sobre_o_Rio_Santo_Ant%C3%B4nio)> e <<http://www.jornalnovotempo.com.br/noticias/geral/item/14829-alf%C3%A2ndega-e-tr%C3%A2nsito-24-horas-de-andresito-%C3%A9-tema-de-encontro>>. Acesso em: 14 ago. 2013.

ao engendrar diversos conflitos jurídicos, políticos e sociais, tenha trazido implicações que podem ter se refletido nas relações estabelecidas entre os diversos grupos étnicos que entraram em contato nesse território.

Na atualidade, além dos grupos étnicos já estabelecidos e integrados, observa-se, em ambas as regiões, uma relação dinâmica e intensa com os países vizinhos: no Sudoeste, prevalecem os contatos com os argentinos, falantes de espanhol; no Oeste, são os paraguaios, falantes de espanhol e guarani, que circulam e interagem constantemente com os brasileiros. Esses grupos, por apresentarem uma vitalidade linguística que não mais se observa entre os eurodescendentes estabelecidos nas regiões Oeste e Sudoeste do Paraná (SILVA-PORELI, 2010; PASTORELLI, 2011; BUSSE; SELLA, 2012), podem render análises interessantes das relações entre língua e identidade nessas regiões de fronteira.

A estreita relação que existe entre língua e identidade, não raro, acaba por se manifestar nas atitudes dos indivíduos em relação às línguas com as quais entram em contato e, conseqüentemente, em relação aos seus usuários. Segundo Moreno Fernández (1998), uma variedade linguística pode ser interpretada como um traço definidor da identidade, de modo que as atitudes em relação aos grupos com certa identidade são, em parte, atitudes em relação às variedades linguísticas usadas nesses grupos e aos usuários de tais variedades. Assim, entende-se que o estudo das crenças e atitudes linguísticas presentes nessas localidades multilíngues seja pertinente, pela possibilidade de fornecer indícios para a análise do comportamento linguístico dos falantes em relação à variação, revelando os elementos que atuam nas relações sociais entre os diferentes grupos.

## **Língua, identidade étnica e atitudes linguísticas**

Este estudo se volta para a análise das atitudes linguísticas, em que avaliações subjetivas sobre o valor das falas do próprio falante e do outro serve de diagnóstico com relação ao panorama heterogêneo e multicultural que a fronteira acomoda, sem se ignorarem as marcas que o processo de colonização e desenvolvimento por descendentes de imigrantes de diversas etnias imprimiu a essas regiões. Regiões fronteiriças, como as focalizadas neste estudo, possuem uma realidade *sui generis*, pois, como diz Sturza (2005, p. 47), “as fronteiras geográficas são preenchidas de conteúdo social”. Assim, muito mais que um fato geográfico, a fronteira constitui um fato social.

As atitudes linguísticas têm a ver com as línguas mesmas e com a identidade dos grupos que as usam, pois o objeto da atitude não são as línguas, mas os grupos que as falam (MORENO FERNÁNDEZ, 1998; GROSJEAN, 1982). Como afirma Aguilera (2008), a língua não está desvinculada de seu contexto social, principalmente na sua condição de aspecto constituidor da identidade de um determinado grupo étnico. Por isso, “na maioria das vezes, ao caracterizar um grupo ao qual não pertence, a tendência é o usuário fazê-lo de forma subjetiva, procurando preservar o sentimento de comunidade partilhado e classificando o outro como diferente” (AGUILERA, 2008, p. 106).

A língua simboliza os limites que separam o “nós” e os “outros”, uma vez que a língua que falamos identifica a nossa origem, nossa história, nossa cultura, o grupo a que pertencemos. A percepção identitária do sujeito opera, portanto, pela oposição (identidade contrastiva), como bem traduz esta informante de Capanema, quando questionada sobre relacionamento afetivo com argentinos: “Eles são diferentes de nós” (Inf. 4).

Em contextos onde muitas línguas e culturas estão em contato, entram em cena as atribuições feitas aos falares locais e aos seus usuários, balizadas especialmente por estereótipos socialmente construídos, ou seja, por visões formadas a partir de normas culturais, pressões e conotações sociais (GILES; NIEDZIELSKI, 1998). Os julgamentos sobre as variedades linguísticas e seus falantes são, assim, o resultado de um complexo de associações e preconceitos sociais, culturais, regionais, políticos e pessoais. Desse modo, toda pesquisa sobre as práticas linguísticas – incluindo as avaliações que delas se fazem – em dado espaço geossocial deve, necessariamente, considerar os aspectos sócio-históricos e culturais dessa comunidade.

Lambert e Lambert (1966, p. 77) conceituam ‘atitude’ como “uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante”. Para esses psicólogos, a atitude é formada por três componentes: o cognitivo (pensamentos e crenças), o afetivo (sentimentos ou emoções) e o conativo (tendências de reação). Foi essa a concepção adotada nesta pesquisa, pois se entende que as atitudes não são meramente o produto de determinados modos de pensar e sentir, mas constituem um processo em que se imbricam crenças, sentimentos, juízos de valor e tendências de comportamento.

Trata-se de uma abordagem de cunho mentalista, de natureza psicológica, que concebe a atitude como uma entidade complexa – diferente, portanto, da abordagem comportamentalista, que interpreta a atitude como uma conduta, uma reação ou resposta a um estímulo, sendo, assim, composta de um elemento único (GÓMEZ MOLINA, 1996; MORENO FERNÁNDEZ, 1998; BLANCO CANALES, 2004).

### **Tendências de reação frente à possibilidade de convivência com diferentes grupos étnicos**

A necessidade de averiguar se há preconceito ou aceitação em relação aos diversos grupos étnicos presentes em cada localidade motivou um recorte dos dados nelas coletados para ilustrar a discussão aqui proposta. Acredita-se que os dados mais reveladores das crenças dos informantes sobre os grupos étnicos com os quais têm contato aparecem nas perguntas que visam a identificar o elemento conativo das atitudes. Para este estudo, portanto, foram selecionadas as perguntas do questionário cujas respostas pudessem revelar, principalmente, tendências de reação dos informantes diante da possibilidade de estabelecer relações de vizinhança com membros dos diversos grupos étnicos das localidades. Trata-se do seguinte grupo de questões: i. Guaíra: “Se você fosse comprar uma casa num bairro onde só houvesse paraguaios / árabes / japoneses / alemães / italianos, você compraria?”; ii. Capanema: “Se você fosse comprar uma casa num bairro onde só houvesse argentinos / paraguaios / alemães / italianos, você compraria?”.

Em Guaíra, os informantes se mostraram mais receptivos à possibilidade de comprar uma casa num bairro onde só houvesse italianos (61% de respostas positivas contra 22% de respostas negativas). As justificativas apresentadas, de modo geral, ligavam-se à facilidade de entendimento da língua, por ser de origem latina.

Em seguida, empatados (com índice de aceitação<sup>2</sup> de 56% entre os guairenses), vêm os japoneses, alemães e paraguaios (com índices de rejeição de 39%, 28% e 17%, respectivamente). As justificativas para as respostas negativas geralmente apontam a diferença de línguas e de costumes como possível empecilho para a convivência.

No caso dos japoneses, embora ainda cultivem costumes tradicionais, apenas a língua seria obstáculo. Os guairenses demonstram apreço pela cultura japonesa, como exemplifica este informante:

- (03) Japonês, eu até compraria porque a gente que conhece, convive há quarenta anos aqui na colônia japonesa, é um povo assim que... que procura sempre ser útil na maneira de... de ser, na maneira de viver. (Inf. 11 – Guaira)

Os japoneses são enaltecidos por muitos informantes de Guaira pelas suas qualidades de caráter e temperamento: solidariedade, discrição, confiabilidade, calma e tranquilidade.

As respostas negativas ou dúvidas em relação a morar em bairro composto apenas por alemães, de modo geral, também se relacionam à língua, como exemplifica esta fala:

- (04) Ah, eu sei lá, né, talvez eu poderia comprar, né, se por um acaso eles conversasse com a nossa língua. (Inf. 6 – Guaira)

Um informante, porém, atribui aos alemães uma atitude preconceituosa por parte deles, que pode estar relacionada tanto a um fato isolado vivenciado pelo informante quanto a um estereótipo construído sobre esse grupo étnico e difundido pelo senso comum:

- (05) É... eu que sou meio moreno, né, eles não vai gostar muito, né. Não, mas moraria. É, que a gente meio moreno ou bem meio escuro, tem preconceito [...]. (Inf. 1 – Guaira)

Com os paraguaios, embora o uso do guarani ou jopará (forma coloquial do guarani mesclado com elementos do espanhol) tenha sido também citado como um possível obstáculo, pesou mais a questão identitária: “Os costumes são diferentes” (Inf. 7); “Ah, os hábitos são tudo diferentes” (Inf. 8).

Apesar de o índice de aceitação em relação aos paraguaios se igualar àqueles referentes aos japoneses e alemães, é preciso considerar que o índice de rejeição foi alto (39%). Ou seja, embora os guairenses manifestem, na maioria das perguntas do questionário, apreço pelos paraguaios e pelas línguas faladas por eles, conforme vem sendo investigado por Lamb Fenner, em tese ainda não concluída, o que ocorre é que, diante da possibilidade de convivência mais próxima com esse grupo étnico, questões identitárias emergem como elementos dificultadores das relações. Respostas a outras perguntas do questionário indicam atribuições negativas aos paraguaios e à sua fala relacionadas ao nível socioeducacional, considerado por alguns informantes, de certa forma, como “atrasado” em relação ao dos brasileiros, conforme se depreende destas falas:

- (06) Eu acho que... que o paraguaio é um povo de descendente de indígenas, né, eles não têm muito o privilégio de tá lendo, tem que sempre que tá trabalhando pra correr atrás, então, acho que eles falaria me... me... pior de todos. (Inf. 7 – Guaira)

---

2 Neste estudo, a expressão ‘índice de aceitação’ se refere às tendências de reação positiva (representadas pelas respostas positivas), e a expressão ‘índice de rejeição’, às tendências de reação negativa (representadas pelas respostas negativas).

- (07) Olha, pra mim, se você... se for comparar ao nível de cultura, né, de aprendizagem, é o Paraguai, é o guarani, ali... porque o nível é bem baixo. (Inf. 18 – Guaira)

Os guairenses também manifestaram tendência de rejeição significativa em relação a morar em bairro composto por árabes: apenas 22% se mostraram dispostos a ter vizinhos dessa etnia (houve 39% de respostas negativas a essa questão). Nesse caso, tanto a língua como a cultura foram negativamente avaliadas: “O jeito deles é muito esquisito” (Inf. 2); “Ah, também, os árabes são muitos diferentes, né” (Inf. 8); “Eu acho que não compraria porque não ia entender nada do que eles conversam, né” (Inf. 16).

Na localidade de Capanema, os italianos também tiveram maior aceitação entre os informantes para possível convivência/relação de vizinhança (índice de aceitação de 89%), seguidos dos argentinos e alemães (83%).

Quanto aos paraguaios, 44% dos informantes se mostraram dispostos a tê-los como vizinhos, e 17% rejeitaram essa possibilidade (outras respostas e não formuladas somaram 39%).<sup>3</sup> Em geral, as razões apontadas para não morar em bairro de paraguaios se relacionam principalmente à barreira da língua (uso do guarani) e às diferenças culturais, que podem, na visão dos informantes, dificultar o convívio, como ilustra esta resposta em relação aos paraguaios:

- (08) Eles já são diferente, né, uma cultura diferente, né. Pelo que a gente conviveu, né, que a gente aprendeu com eles, assim, conheceu deles, é um povo, uma cultura bem diferente. (Inf. 3 – Capanema)

As diferenças, apesar de não explicitadas por muitos informantes, são vistas de forma negativa, pois constituem empecilho para conviver com vizinhos paraguaios. Respostas a outras perguntas do questionário, notadamente na questão relacionada à possibilidade de procurar médico ou dentista paraguaio, sugerem que, assim como ocorreu em Guaira, os informantes capanemenses veem o Paraguai como um país subdesenvolvido, o que se refletiria no nível educacional de seu povo:

- (09) Eu acho um pouco por causa da política, né [...] que nem eu falei, a estrutura, eu acho que Paraguai falta muito crescer, né, é o ensino, o... parte funcional deles, né. (Inf. 9 – Capanema)
- (10) [...] pode ser que eu esteja enganada, mas é... menos, tem menos desenvolvimento lá, menos escolaridade do que aqui, né... então eu teria falta de confiança. (Inf. 12 – Capanema)

O prestígio atribuído aos italianos e alemães, em Guaira e em Capanema, pode estar ligado à presença mais representativa desses grupos étnicos nas localidades. O mesmo ocorre com relação aos japoneses e paraguaios, na primeira localidade, e aos argentinos, na segunda localidade, em que a presença desses grupos étnicos é constante, devido às relações próprias de região fronteira.

Por exemplo, o fato de Guaira apresentar índices maiores de aceitação dos paraguaios em relação aos resultados de Capanema talvez se explique pela maior proximidade com a fronteira, pois Guaira se situa em região aduaneira, ao lado da cidade de Salto del Guairá, grande centro de compras visitado por turistas e sacoleiros brasileiros, de modo

<sup>3</sup> A menção aos paraguaios e ao espanhol paraguaio nos inquéritos foi reduzida, embora perguntas sobre esse grupo étnico constassem originalmente dos questionários de Capanema. Isso provavelmente ocorreu pela percepção de que o contato dos informantes com essa língua e seus falantes fosse menor do que se supunha por ocasião da elaboração do questionário, embora o Paraguai não esteja tão distante da região.

que as relações comerciais entre brasileiros e paraguaios são mais intensas nessa região do que em Capanema, que fica relativamente distante de qualquer centro urbano paraguaio. Vale registrar que, em Guaíra, quase todos os informantes relataram ter amigos ou, pelo menos, conhecidos paraguaios, relação que pode colaborar para uma atitude de maior aceitação em relação aos membros dessa etnia, mesmo que, em algumas respostas, ecoem avaliações negativas verificadas também em Capanema.

## Considerações finais

O recorte selecionado para este estudo forneceu respostas produtivas com relação a questões identitárias que se refletem na avaliação dos falantes em relação aos grupos étnicos com os quais entram em contato, mediado pela língua.

Verificou-se que, nas localidades onde o contato com membros dessas etnias é mais frequente, os informantes mostraram maior tendência de reação positiva no que concerne à possibilidade de comprar uma casa num bairro onde só houvesse membros de determinada etnia. Esses resultados fornecem pistas de que a manutenção do círculo de amizades, a frequência e a intensidade das interações linguístico-culturais e o estreitamento das relações comerciais resultam em uma maior aceitação do outro.

Outra constatação importante é a de que os resultados obtidos em Capanema, ao mostrar o prestígio atribuído ao argentino, sugerem a inexistência de animosidade explícita entre brasileiros e argentinos como consequência de conflitos do passado.

Os índices de rejeição, de modo geral, referiam-se à barreira da língua (particularmente no caso das línguas não latinas) e às diferenças culturais (especialmente em relação aos paraguaios e árabes). As respostas que remetem às diferenças culturais dão margem a interpretações no sentido de que determinados grupos são mais rejeitados do que outros, e há também atribuições de rótulos aos membros dessas etnias que são indicativos de estereótipos recorrentes no seio das comunidades. Tais respostas revelam uma espécie de delimitação entre o “nós” e “os outros”. Constata-se, portanto, que as relações sociais são mediadas por questões identitárias. Entende-se, como Moreno Fernández (1998), que o conceito de identidade envolve a questão da língua, porque uma comunidade também se caracteriza pela(s) variedade(s) linguística(s) usada(s) em seu seio, e também porque a percepção do comunitário e do diferencial se faz especialmente evidente por meio dos usos linguísticos.

## REFERÊNCIAS

AGUILERA, V. A. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 2, n. 37, p. 105-112, maio/ago. 2008.

\_\_\_\_\_. *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato*. 2009. [Projeto desenvolvido pela autora. Digitado].

BERGAMASCHI, M. C. Z. *Bilinguismo de dialeto italiano-português: atitudes linguísticas*. 2006. 154 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, 2006.

BLANCO CANALES, A. *Estudio sociolingüístico de Alcalá de Henares*. Alcalá de Henares, Madrid: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Alcalá, 2004.

BUSSE, S.; SELLA, A. F. Uma análise das crenças e atitudes linguísticas dos falantes do Oeste do Paraná. *Signum: Estudos da Linguagem*, Londrina, v. 1, n. 15, p. 77-93, jun. 2012.

GILES, H.; NIEDZIELSKI, N. Italian is beautiful, German is ugly. In: BAUER, Laurie; TRUDGILL, Peter (Ed.). *Language myths*. London: Penguin Books, 1998. p. 85-93.

GÓMEZ MOLINA, J. R. Actitudes lingüísticas en Valencia y su área metropolitana: evaluación de cuatro variedades dialectales. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE LA ASOCIACIÓN DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGÍA DE LA AMÉRICA LATINA – ALFAL, 11, 1996, Las Palmas de Gran Canaria. *Actas...* Las Palmas de Gran Canaria: Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, 1996. v. 2, p. 1027-1042.

GREGORY, V. *Os eurobrasileiros e o espaço colonial: migrações no Oeste do Paraná (1940-1970)*. Edunioeste: Cascavel, 2002.

GROSJEAN, F. *Life with two languages: an introduction to bilingualism*. Harvard: Harvard University Press, 1982.

LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. *Psicologia social*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

LAZIER, H. *Paraná: terra de todas as gentes e de muita história*. 3. ed. Francisco Beltrão: Grafit, 2003.

MORENO FERNÁNDEZ, F. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Ariel, 1998.

MUNTOREANU, H. Z. *Guahyrá – Guairá*. São Paulo: Arte Imprensa N, 1992.

PASTORELLI, D. S. *Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Capanema: um estudo da relação do português com línguas em contato*. 2011. 204 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

SILVA-PORELI, G. A. *Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Pranchita-PR: um estudo das relações do português com línguas em contato*. 2010. 114 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

STURZA, E. R. Línguas de fronteira: o desconhecido território das práticas linguísticas nas fronteiras brasileiras. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 57, n. 2, p. 47-50, abr./jun. 2005.

WACHOWICZ, R. C. *Paraná, sudoeste: ocupação e colonização*. Curitiba: Lítero-Técnica, 1985.

\_\_\_\_\_. *Obrageros, mensus e colonos: história do Oeste do Paraná*. Curitiba: Vicentina, 1987.